

JC e-mail 4062, de 28 de Julho de 2010.

## 8. Coordenadores de INCTs se reúnem para debater governança

Reunidos na noite de terça-feira (27/7), 13 coordenadores de Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs) trocaram experiências sobre as dificuldades com a governança de suas instituições e decidiram se unir para propor medidas em prol de melhorias. Uma carta com sugestões será redigida e entregue ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

As principais queixas se referem à administração dos INCTs. Necessidade de abertura de contas em nome de dirigentes, prestação de contas em diferentes agências de financiamento -o que pressupõe diferentes metodologias- e problemas com compras, da importação à falta de serviços adequados por parte das empresas prestadoras, foram os maiores alvos de reclamações.

O professor do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Renan Medeiros apontou como dificuldade do Instituto Nacional de Tecnologias e Ciências do Espaço (INEspaço) o atendimento de requisitos de três agências de financiamento - o CNPq, a Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (Fapesp) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Norte (Fapern). "Isso foi um muro em nossa gestão", sintetizou. "As legislações são diferentes, o que dificulta a execução de verbas e a prestação de contas".

### Anterior


7. Ciência rural  
▶ turbina publicação no país

### Próxima

9. Aziz Ab'Saber  
▶ sugere código da biodiversidade no lugar do florestal

---

### ▶ Índice de Notícias

 - imprimir

 - enviar

 - comentário

Já Adalberto Val, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), apontou vantagens e dificuldades de ter o INCT do qual faz parte (Centro de Estudos de Adaptações da Biota Aquática da Amazônia - Adapta) financiado não só pelo CNPq como pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que possui regras distintas das agências de financiamento. Ao contrário das fundações de apoio à pesquisa, o banco pede prestações de contas anuais e não ao fim dos projetos. Por outro lado, o mesmo financiador permite equacionar recursos de um ano para outro.

O pesquisador também relatou dificuldade de contratar técnicos para trabalhar nas pesquisas do INCT, reclamação constante em diversos fóruns universitários.

Já a pesquisadora Rosane Marinho, do INCT de Transportes Materiais Continente-Oceano, expôs problemas com compras internacionais. Segundo ela, algumas empresas multinacionais que vendem equipamentos e serviços estão em processo de aquisição ou incorporação por outras, o que tem gerado problemas para adquirir bens e serviços no prazo e a contento.

Adalberto Val acrescentou à análise a experiência de ser obrigado a comprar equipamentos vendidos como de última geração, sendo que nos EUA e na Europa há bens mais avançados sendo comercializados.

Os pesquisadores revelaram ainda insegurança com relação à continuidade dos institutos a médio

prazo. Segundo eles, o financiamento está garantido até 2011, mas o contrato pressupõe atividades até 2013. Logo, há um intervalo de financiamento não garantido.

Isso, segundo eles, ameaça a continuidade das instituições e suas pesquisas. O caso dos institutos do Milênio, fundados em 1985 como grandes redes de estudos, e finados em 2008, dando lugar aos INCTs, foi um exemplo do que não pode ocorrer. O temor cresce sobretudo no momento em que é certa a mudança de governo.

## União

Frente a esses entraves ao pleno desenvolvimento dos INCTs, os dirigentes fizeram sugestões em prol de melhorias. Todas perpassam a necessidade de maior coordenação das entidades, criadas, em sua maioria, ao longo de 2008. Val, por exemplo, citou a possibilidade de realizar compras conjuntas, a fim de obter menores preços e ter mais poder de barganha com as empresas prestadoras de serviços.

O pesquisador José Carvalheiro, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), integrante do INCT de Inovação em Doenças Negligenciadas, por sua vez, sugeriu a criação de um fórum de administradores para debater problemas e propor soluções ao CNPq e demais agências de fomento. "É esse movimento que vai gerar uma política científica de Estado e não de governo", afirmou.

Sebastião Velasco, professor da Universidade de Campinas (Unicamp) e dirigente do INCT de Estudos sobre os EUA (Ineu), aposta na "materialidade" dos cursos para obter garantias de que eles existam a longo prazo. "Estamos apostando na promessa de materialização, na construção de uma sede real para a rede", afirmou.

As sugestões foram compiladas por Jailson Bittencourt, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e do INCT de Energia e Ambiente, que sugeriu a redação de uma carta a ser entregue ao CNPq e demais agências de fomento propondo melhorias no sistema. O documento será redigido ao longo de reuniões presenciais e virtuais e conterà descrições do que os pesquisadores consideram os maiores entraves ao pleno desenvolvimento dos INCTs.

"Precisamos dar um 'feedback' à sociedade não só em termos de ciência, mas também de experiência administrativa", finalizou Roberto Faria, da Universidade de São Paulo (USP) e do INCT de Eletrônica Orgânica.

Dirigente de agência de apoio esclarece pontos

Presente à reunião, Cesar Zucco, da Fundação de Apoio à Pesquisa de Santa Catarina (Fapesc), rebateu algumas críticas e afirmou que o governo já está pensando em resolver alguns dos problemas apontados. De acordo com ele, a dificuldade de realização de compras e a opção de ter contas com o CPF do dirigente se devem às exigências da legislação de prestação de contas do governo federal. "Ele foi pensado

para grandes obras e não para a realização de ciências", criticou. "Precisamos fazer muito trabalho de base e convencimento político para mudar essa situação".

Segundo ele, o comitê gestor dos INCTs está atento ao problema da continuidade, principalmente agora, no momento de mudanças governamentais.

(Marcelo Medeiros, do Jornal da Ciência)